

Novos Talentos do Jazz

Orquestra

Jazz de

Matosinhos

14 Março
2025

Teatro Municipal de Matosinhos
Constantino Nery

Sexta-feira
22:00

HUGO CALDEIRA

trombone
Hugo Caldeira

direcção musical
João Pedro Brandão

FUNDADOR



M matosinhos

APOIO INSTITUCIONAL



REPÚBLICA
PORTUGUESA
CULTURA

dgARTES
DIRECÇÃO GERAL
DAS ARTES

PARCEIROS



casa da música

PARCEIRO MEDIA



ANTENA 2

João Pedro Brandão direcção musical

Hugo Caldeira trombone

Madeiras João Guimarães, João Paulo Silva,
Mário Santos, José Pedro Coelho, Rui Teixeira

Trompetes Luís Macedo, Ricardo Formoso,
Rogério Ribeiro, Javier Pereiro

Trombones Daniel Dias, Andreia Santos
Álvaro Pinto, Gonçalo Dias

Secção Rítmica

Piano Miguel Meirinhos

Contrabaixo Demian Cabaud

Bateria Miguel Rodrigues

Repertório

(ordem sujeita a alterações)

Cherry Juice

(Thad Jones)

Fast Lane

(Carla Bley)

Inquietação

(comp. Hugo Caldeira; arr. AP)

Incomprehension

(comp. Hugo Caldeira; arr. Catarina Ribeiro)

All in

(Darcy James Argue)

Vale

(comp. Carlos Bica; arr. Pedro Guedes)

Rhythms Sweet: Dante

(comp. Lee Konitz; arr. Ohad Talmor)

Earthly Branches

(comp. Peter Evans; arr. Carlos Azevedo)

Próximos concertos da Orquestra Jazz de
Matosinhos:

OJM & Ana Lua Caiano

Sábado, 19 de abril, às 21:30

Casa da Música, Porto



O Hugo Caldeira é novo e de acordo com a premissa intrínseca ao título deste ciclo é igualmente um talento. O Hugo Caldeira toca trombone de uma forma virtuosa e musicalmente complexa, imbuído ao mesmo tempo de um sofisticado sentido melódico e fraseado que sempre se apresenta claro, transparente e simples, como se fosse fácil. Embora tenha sido recorrente nos últimos tempos a sua presença em concertos da OJM e noutros “mil” projetos aqui em Portugal, é no meio da sua musicalmente fértil, ponte aberta entre nós e Nova Iorque que aqui o temos como solista, jovem talento e um grande músico em fase ascendente. Numa plena efervescência artística que transformam este concerto numa sublime experiência e viagem musical. O Hugo anda “entre lá e cá” como já se percebeu e nestas suas viagens, (ou olhemos para isto tudo de uma perspectiva mais alargada e chamemos-lhe apenas “a viagem”) para além do instrumento também carrega consigo quando toca uma já volumosa e pesada enciclopédia desta linguagem que nos une.

A viagem do Hugo Caldeira teve o seu início aos 10 anos de idade. Nestes 16 anos que distam entre o seu primeiro contacto com o trombone e o momento em que nos encontramos, pegou de raiz e tornou-se mestre num instrumento, que certamente não consta em nenhuma lista dos mais fáceis de aprender em lado algum do mundo. Diria até que, caso existissem tais listas, seria dos primeiros na votação dos mais difíceis. Ainda assim, o Hugo Caldeira, como já foi dito atrás, soa fácil, transparente e poderosamente leve, a pairar como se o não fosse. A voar nesta forma de comunicação e nesta arte, entre as suas raízes e o mundo e a terra natal de tudo isto chamado Jazz.

Licenciou-se na Esmae e concluiu mestrado com nota máxima na Manhattan School of Music de Nova Iorque ao mesmo tempo que vai adquirindo experiência, ganhando espaço e afirmando o seu nome no meio jazzístico nacional e internacional. Obtendo assim algumas e importantes colaborações em estúdio e atuações em Nova Iorque e Portugal ao lado de figuras relevantes do panorama jazzístico ou com aclamados cantautores portugueses.

Para esta 21ª edição do ciclo Novos Talentos do Jazz, dirigida desta vez por João Pedro Brandão e com Hugo Caldeira como solista, o repertório escolhido reflete mais uma vez e da melhor forma a face ou as faces musicais do convidado. Os mundos musicais onde ele se identifica e sente em casa e onde ao mesmo tempo arrisca e vulneravelmente se fortalece, numa espiral de superação musical e humana.

E por falar em espiral de superação, Caldeira submete-se e submete-nos a ela logo a partir da primeira música, com a escolha do impetuoso e virtuoso **Cherry Juice** de Thad Jones, arranjado pelo próprio para a sua emblemática orquestra. Este rápido e complexo baluarte da escrita post-bop para big band segue em porto seguro mas permanece ágil e veloz, não fosse a música seguinte, o frenético **Fast Lane** de Carla Bley, tema que a mítica e histórica compositora americana gravou no seu disco *Looking for America* de 2003 e que tocou com a OJM quando a dirigiu pela primeira vez nesse mesmo ano. Ao terceiro momento do concerto o solista e como mandam as regras da casa ou neste caso do Ciclo, apresenta-se igualmente como compositor. **Inquietação** é o nome da música que Caldeira compôs e que conta com um arranjo do compositor, arranjador e guitarrista do Porto, AP. Uma das duas estreias absolutas desta noite sendo que a segunda aparece logo a seguir com **Incomprehension**, mais uma música original de Hugo Caldeira aqui arranjada para a OJM pela compositora e arranjadora, também do Porto Catarina Ribeiro.

Ao quinto momento musical deste concerto Hugo Caldeira escolhe rumar até ao mundo geométrico do compositor e arranjador canadiano, radicado nos Estados Unidos, Darcy James Argue. A música é **All In** que para além de já ter sido tocada, gravada e editada pela OJM no disco *Jazz Composers Forum* em 2014, aparece também gravada por Darcy no seu disco de 2023 *Dynamic Maximum Tension*. O concerto prossegue com o contemplativo **Vale** de Carlos Bica. Uma melodia simples, apoiada num *beat* hipnótico e repetitivo e como já se disse, contemplativa. Arranjada aqui para a orquestra de uma forma sofisticada e esclarecida pelo mestre Carlos Azevedo. Aproximando-nos do fim e com apenas mais duas paragens para fazer, chegamos a **Rhythms Sweet: Dante**, excerto da *suite* composta pelo lendário Lee Konitz e arranjada por Ohad Talmor para a OJM e que integra o disco *Portology* de 2007. A viagem desta noite com o Hugo Caldeira termina como começou, frenética, rápida e impetuosa, com um aventureiro e audaz arranjo de Carlos Azevedo da música **Earthly Branches** do trompetista Peter Evans. Apertem os cintos que a viagem acaba assim em velocidade, leve, profunda e esclarecida quanto às suas intenções e ações musicais. A viagem desta noite, mais encore menos encore, acaba realmente assim, já a do Hugo Caldeira, plena de paixão musical, talento e trabalho árduo, continuará a cruzar oceanos e palcos por muito tempo, a servir-nos de inspiração e esperança no nosso presente e no nosso futuro como músicos, amantes da música ou simplesmente humanos à procura do belo, do sublime.

Rui Teixeira, saxofonista